

ROSA LUCAS

MEMÓRIAS  
DE  
MANHATTAN

Tradução de  
Adriana Silva

alma  
dos livros

*A todos os meus maravilhosos e incríveis leitores em Portugal, obrigada do fundo do coração por todo o amor que demonstraram pela série London Mister! ♥ Tem sido uma alegria ver os vossos maravilhosos posts e mensagens nas redes sociais. Estou muito grata por terem dado a uma nova autora como eu uma recepção tão calorosa e adorável em Portugal.*

*Agora, vamos para Nova Iorque para uma nova série — esperem muito do mesmo caos (sim, adoro envolver as minhas protagonistas em situações extremamente embaraçosas 😊). E depois disso, vamos voltar outra vez para Londres.*

*Abraços, amor e um milhão de agradecimentos! ♥*

*Boas leituras,*

Rosa  
xo,

## Prólogo

LUCY

**E**ndireito-me na cadeira com um ar determinado. É outra vez aquela altura do ano na Quinn & Wolfe: as avaliações de desempenho. O período em que os supervisores se transformam em *trolls* mal-humorados e nós, os lacaios, encaixamos à pressa um mês de trabalho numa só semana, numa tentativa fútil de provarmos o nosso valor. São *Os Jogos da Fome* empresariais, com mais papelada e nenhum Hemsworth à vista.

A Helen dos Recursos Humanos empurra uma pilha de papéis para o meu chefe, o Andy. Este inspira fundo, observando o monte como se ali estivesse contido o peso dos males do mundo.

– Vamos lá despachar isto, sim?

Folheando a papelada, olha com má cara para a Helen.

– Porque é que é tão mais extensa do que no ano passado?

Ela reage ao sobrolho franzido com um sorriso educado.

– Incluímos uma avaliação pormenorizada das competências sociais: comunicação, trabalho de equipa, colaboração. – Pontua as palavras com um toque triunfante da caneta no arquivo. – Está tudo aí, Andy.

– Nossa Senhora – murmura ele, entre dentes.

É uma das raras ocasiões em que concordo com o Andy Zangado.

Este suspira mais uma vez, foca-se na primeira página e pigarreia ruidosamente enquanto a Helen me entrega uma cópia.

– Produtividade, excelente. Capacidade de resolução de problemas, excelente... – O Andy vira a página com o entusiasmo de um

homem que está a ser obrigado a ler o manual da máquina de lavar loiça. – Flexibilidade, excelente.

Enquanto fala sem parar, a minha atenção desvia-se para a vista exterior: o Empire State Building. É fácil esquecer que estou a pairar quarenta pisos acima da realidade quando ando enterrada até ao pescoço em estruturas de páginas virtuais e *designs* de ecrã.

– Os teus *designs* são excepcionais – prossegue, num tom monótono. Que engraçado, não me *soa* a um elogio.

Ainda assim, é difícil ignorar a palavra «excepcional». Coro, desfrutando das festinhas no ego. É agora. Vá lá, Andy, desembucha. *Lucy, foste promovida a líder de projetos de design gráfico. Parabéns.*

Já não era sem tempo.

– Trabalho de equipa... – O Andy olha para cima. – Bom, mas devias parar de encobrir o Matty quando se esgueira para ir almoçar durante três horas.

– Eu não...

– Tenho olhos na cara, Lucy, e não são só para enfeitar.

Certo. Mexo-me inquietamente no lugar. Acabaram-se os *buffets* turcos à discrição do Matty.

O Andy lê o resto do formulário na diagonal, como se estivesse a tentar bater o recorde de leitura a alta velocidade.

– Assiduidade. – Olha-me de relance. – Na verdade, chegas demasiado cedo às reuniões. Como um cão à espera do dono à porta. É incómodo.

Fico a olhar para ele, estupefacta. A Helen parece estar prestes a desaparecer debaixo da mesa.

Chego demasiado cedo às reuniões? Isso é sequer possível? Antes de lhe poder mostrar o dedo do meio mentalmente, o Andy segue em frente.

– Gestão do tempo, ótima. Concluis tudo antes do prazo, de facto. – Vira a página e dirige-me uma expressão que tanto pode ser um sorriso afetado como um tique facial. – O Steve do *marketing* apelidou-te de Mulher Maravilha graças ao teu trabalho célere no *design* do blogue.

Aceno com a cabeça num gesto de assentimento estoico, mantendo o rosto cuidadosamente impassível.

– Estou só a fazer o meu trabalho.

Mulher Maravilha, o tanas. Sou antes uma trabalhadora compulsiva.

Para ganharem tempo, algumas pessoas afirmam que as tarefas requerem cinco dias de trabalho, quando, na realidade, bastam dois. O meu colega Matty é um excelente exemplo disso. Já eu? Sou o oposto. Passo a noite em branco para aperfeiçoar uma tarefa e, depois, declaro despreocupadamente que tratei dela num par de horas.

– Muito bem, vamos lá finalizar isto. – O Andy pousa a caneta com força, virando-se para a Helen. – Está tudo em ordem?

Esperem lá.

– Andy – intervém a Helen. – Saltaste a secção 15.8.

– Ah, mer... – Solta um suspiro exasperado, lançando-lhe um olhar de puro desprezo.

– Saúde e segurança. Precisas de ajustes no teu espaço de trabalho? Uma cadeira ergonómica, um rato ergonómico, por aí fora. – A sua mão faz uma dança vagarosa no ar. – Olha, lê a lista sozinha, está bem?

– Temos novos modelos de secretárias com apoios para os pés integrados – acrescenta a Helen. – Podes escolher o que quiseres.

– Hum, Andy – digo, lentamente. – Podes voltar ao que estavas a dizer antes das coisas ergonómicas?

Resmoneando, o Andy recua uma página.

– Gestão do tempo...

– Não é isso – interrompo, debruçando-me com as mãos na mesa, talvez com a intenção de o estrangular. – Sobre a minha produção de *design*. Então e a promoção?

– Que promoção?

Arregalo os olhos.

– A *minha* promoção?

*A que andas a abanar à frente dos meus olhos há seis meses para me convenceres a aceitar mais responsabilidades sem receber mais por isso, seu anormal?*

– Ah, certo. Desta vez, não vais ser promovida. – Encolhe os ombros casualmente, empurrando a papelada para a pobre Helen como se esta fosse uma espécie de arquivo humano. – Revemos o assunto daqui a um ano, sim?

Não, não, mil vezes NÃO.

Isto não pode estar a acontecer. Não vou conseguir sair deste escritório e enfrentar o Matty, a Taylor e o resto da equipa de *design* sem esta promoção.

Recompõe-te. Não comeces com a choradeira. Juro que me atiro da janela se uma única lágrima me correr pelo rosto.

– Andy – digo, tentando manter a voz firme. – Esfalfei-me a trabalhar este ano. Tu próprio disseste que os meus *designs* são excelentes.

– Sim, mas não importa se os teus *designs* são excelentes.

Pestanejo, perplexa.

– Não importa?

– Ninguém te põe a vista em cima nos eventos de socialização, é raro apareceres nas festas da empresa e não serias capaz de identificar os executivos superiores numa prova de reconhecimento policial – enumera, abanando a cabeça. – Quando chega a altura das promoções, és praticamente um fantasma.

– Eu socializo!

Arqueia uma sobrancelha cética.

– Dá-me um exemplo.

– Está bem.

Pensa depressa.

– A convenção de *design* que ocorreu há quatro meses! – Expiro de uma só vez, aliviada. Isso conta, certo?

O Andy suspira.

– Passaste a noite a acumular asinhas de frango num canto enquanto o resto da equipa dava o litro a adular os Quinns e o Wolfe.

Cai-me o queixo. Isto é absolutamente... Sabia que o Andy não

era propriamente um chefe afetuoso, mas achava genuinamente que apreciava uma boa ética de trabalho.

– Nesse dia, não tinha almoçado – murmuro, afundando-me na cadeira. – Estive a terminar um projeto que me tinhas pedido.

Sou recompensada com um grunhido indiferente.

Olho de relance para a Helen, que me acena continuamente como um daqueles bonecos de *tablier* com a cabeça oscilante, mas a envergar um fato.

Inspiro fundo, reunindo a dignidade que me resta.

– Ouve. Eu sei que é importante socializar. Mas trabalho afinadamente e acho que os meus *designs* falam por si.

Não sou boa a fazer conversa de circunstância, a dar apertos de mão e a bajular a elite do mundo empresarial. Sou *designer*, não uma maldita política.

– É por isso que és uma excelente *designer* gráfica sénior.

Deixo cair os ombros, abatida.

– Mas achava que era a Mulher Maravilha.

*Estas palavras acabaram mesmo de sair da minha boca?*

– Luuuucy – diz a Helen, arrastando a voz. – O Andy tem razão. É essencial integres-te na cultura da Quinn & Wolfe. A nossa porta está sempre aberta, se quiseres conversar.

Cruzo o olhar com o dela.

– Estamos a conversar agora, não estamos?

A barriga do Andy decide juntar-se à conversa com um rugido monstruoso.

– Voltaremos a rever esta questão no próximo trimestre. Vamos dar isto por terminado.

O Andy já está de pé. Encerrou o assunto.

Estou pasmada. Do lado de fora desta monstruosidade de vidro, o limpador de janelas pisca-me o olho atrevidamente. Sinto-me quase tentada a pedir-lhe boleia para baixo.

– Procura-nos se precisares de alguma coisa, Lucy – arrulha a Helen.

Procura-nos? O que é que ela quer, um abraço de grupo?

– Espera, Andy, eu... – As palavras ficam-me presas na garganta, formando um nó de desilusão que me prende ao chão. Ver uma promoção rejeitada é um golpe baixo, especialmente depois de ter passado uma eternidade a matar-me a trabalhar na equipa de tecnologias da informação da Quinn & Wolfe. Não chegar ao patamar mais alto dói. – O que posso fazer para resolver isto?

Ouve-se uma pancada forte na porta. A Laura, a assistente administrativa, praticamente cai para dentro da sala.

– A receção ligou – informa, a arfar, tentando desesperadamente recuperar o fôlego. – Ele chegou mais cedo. O Wolfe está a caminho!

– Maldição! – berra o Andy, projetando uma minichuva de perdigotos para a mesa. – Não devia chegar antes das três! Sai, Lucy! Mexe-te!

– Mas... – Fico paralisada no lugar enquanto o Andy ergue rapidamente o braço para cheirar a axila, faz uma careta e reajusta a gravata com uma urgência frenética.

Deveria atirar-me aos seus pés, suplicar-lhe que não se vá embora?

Passa por mim de rompante, dirigindo-se a passos largos para o escritório amplo.

Sigo-o como um cachorrinho triste, de ânimo derrotado. Porque é que não posso simplesmente dedicar-me ao *design*? Não quero participar nestes joguinhos empresariais.

– Limpem as secretárias, pessoal! – O grito do Andy trespassa o escritório. – Ele chegou mais cedo! Vai subir AGORA!

O nó que sinto no estômago aperta-se. Não vou conseguir que o Andy me dê ouvidos, agora que o Lobo Mau<sup>1</sup> veio mais cedo ao escritório para o derrubar com um sopro.

JP Wolfe: cofundador do grupo hoteleiro monolítico Quinn & Wolfe e um dos homens mais ricos da América.

Já o conheci antes, num evento da empresa. O nosso encontro durou vinte segundos dolorosamente constrangedores – apenas o

---

<sup>1</sup> Jogo de palavras entre o apelido Wolfe e o substantivo *wolf*, isto é, lobo. [N. da T.]

suficiente para me varrer com os olhos e mostrar a sua carranca característica que dizia silenciosamente: «Não. Estou. Impressionado.»

O tipo é um filho da mãe assustador.

Estamos a ponto de lançar um novo projeto de inovação, o que implica sempre o envolvimento de um supervisor do conselho de administração, e saiu-nos a fava: desta vez, calhou-nos o lobo em carne e osso.

Fixo um sorriso no rosto, observando o pandemónio que se desenrola à minha volta. Os meus colegas habitualmente descontraídos estão a arrumar freneticamente, como se tivessem os cães do inferno no encalço. Suponho que até seja verdade. A mesa de matraquilhos jaz abandonada, com bolas por toda a parte.

O Matty, que costuma ter uma postura indiferente, está a limpar a secretária pela primeira vez desde que foi contratado, ao passo que a Mona está debaixo da secretária a aplicar batom como se a sua vida dependesse disso. Na secretária ao lado, a Taylor dispõe estrategicamente os seus troféus de *design* para maximizar a sua visibilidade.

Entretanto, o Dwayne permanece num mundo à parte, alheio ao frenesim, com os auscultadores postos.

– Matty, por tudo o que é mais sagrado, livra-te dos *Lucky Charms*<sup>2</sup>! Isto não é um maldito café! – ladra o Andy, com as mãos na cabeça e manchas húmidas irremediáveis debaixo dos braços. – É o grupo hoteleiro mais prestigiado dos Estados Unidos, ou já te esqueceste?!

É justo. A secretária do Matty está desorganizada, cheia de papelada, inúmeras canetas gastas e mais caixas de cereais do que um corredor de supermercado. A equipa de limpeza odeia-o.

Derrotada, afundo-me na cadeira diante da minha secretária imaculada, assistindo à tentativa vã do Matty de enfiar uma caixa de cereais na gaveta a abarrotar.

– Dwayne! – O Andy aproxima-se dele, estalando-lhe os dedos à frente da cara. – Acorda. Estás vivo, sequer? – Ergue as mãos em desespero. – Deus, dai-me forças.

<sup>2</sup> Marca de cereais. [N. da T.]

Atrapalhada, a Wendy deixa cair uma lata de refrigerante.

– Limpa isso! – grita o Andy, preparando-se para ir aniquilar os programadores. – Precisamos de causar uma boa impressão! Ele já acha que este departamento é o maldito faroeste.

Como posso causar boa impressão junto do Wolfe? O homem não é carinhosamente conhecido na empresa como Lobo Mau por gostar de se aninhar com um pijama felpudo vestido. Não, é porque somos os porquinhos e, de vez em quando, ele arranca-nos das nossas casas e devora-nos vivos.

Verifico rapidamente o meu visual: calças de ganga desgastadas, uma camisa xadrez que grita «*vintage*» no pior dos sentidos e um par de sapatilhas que já devia ter ido para a reforma. Podia muito bem candidatar-me a uma vaga na equipa de lenhadores.

Se calhar, caí numa certa rotina. No entanto, recebi o prémio de Força Dinâmica do *Design* do Mês cinco vezes este ano; não deveria isso ter algum peso, em comparação com adulações e visuais profissionais?

O Matty interrompe os esforços frenéticos para atulhar as gavetas o tempo suficiente para me sorrir.

– Estamos a olhar para a nova líder de projetos de *design* gráfico da Quinn & Wolfe?

Subitamente, a equipa faz silêncio, deixando o fervor das limpezas de lado enquanto pára para ouvir. O Dwayne gira na cadeira para me encarar.

– Não foi desta! – guincho, numa voz esganiçada e demasiado animada.

O Matty fita-me com incredulidade.

– Estás a brincar, certo?

Pesego um sorriso falso no rosto.

– Não, não estou a brincar.

– Lamento, Lucy – dizem alguns membros da equipa, a par com outros murmúrios de condolências.

O Matty cruza os braços e franze o sobrolho.

– Luc...

– Vamos guardar esta conversa para outra altura, sim? – interrompo, com os dentes cerrados, lançando-lhe um olhar expressivo que grita *À frente da Taylor, não.*

Porém, é demasiado tarde; o olhar perspicaz desta está pousado em mim.

– Luceee – arrulha, apertando as mãos num gesto de empatia fingida. – Pobrezinha. Não foste promovida? Que tristeza.

A minha irritação alcança níveis sem precedentes. A Taylor foi promovida esta manhã, e tenho estado a considerar enfiar pauzinhos nas orelhas só para abafar a sua gabarolice incessante.

– Bem – ronrona –, pelo menos temos uma líder de projetos. Não te preocupes, a tua voz será ouvida através de mim. – Suspira como se estivesse a carregar uma cruz tremenda.

– Não poliste bem um dos teus prémios, princesa – retruca o Matty.

– E os teus, onde estão? – A Taylor fulmina-o com o olhar, com o queixo erguido e os olhos a faiscar. – Ah, pois é, não existem, porque, apesar de teres estabelecido uma fasquia tão baixa, *ainda* não conseguiste alcançá-la.

– Não preciso de plaquinhas de madeira para validar o meu valor. – Inclina-se para pegar num prémio. – Prémio de Excelência no *Design*, hã? Dormes melhor agarrada a isto?

Ela cerra o maxilar e arranca-lho das mãos.

– Provavelmente, o senhor Wolfe só vai querer falar com os líderes de projeto – dispara, dirigindo-se a mim.

Cabra.

Antes que o Andy expluda, pego numa garrafa de refrigerante vazia da secretária do Matty e deito-a fora.

– Então, como correu a tua avaliação?

– O Andy Zangado disse que perdi um número incomum de avós... Dezasseis em quatro anos. A Helen até tinha uma maldita folha de cálculo com o registo. – Sorri maliciosamente. – Disse-lhes apenas que a minha avó tinha estado muito ocupada a gozar a idade de ouro.

Com uma pequena gargalhada, começo a recolher papéis espalhados. As tentativas descaradas do Matty de se baldar ao trabalho tornaram-se lendárias no escritório.

Depois, a porta dupla abre-se de rompante.

Endireitando-me, *sinto* a energia na divisão a mudar, as conversas a dissolverem-se num silêncio tenso.

Ali está ele: o Lobo Mau, com mais de um metro e oitenta de altura. A sua constituição atlética estica o tecido, e os ombros largos e o peito musculado enchem o casaco na perfeição. Os olhos castanhos penetrantes condizem com o cabelo castanho-escuro curto. A barba por fazer acentua o maxilar forte.

Está a usar calças e uma camisa branca imaculada com o colarinho aberto, sem gravata. A camisa branca contrasta fortemente com a pele morena e o fato azul-marinho. Aquele olhar seria capaz de derreter aço e, provavelmente, cuecas.

Com o olhar intenso focado em nós, é tal qual um assassino contratado sensual a fazer pontaria ao próximo alvo.

Nós.

É indiscutivelmente o homem mais *sexy* e inalcançável que já conheci.

*Meu Deus do Céu.* Emanava pura masculinidade. Não conseguiria afastar o olhar nem que me pagassem.

O Wolfe dirige os casinos e as discotecas, ao passo que os irmãos Quinn dirigem os hotéis. Juntos, parecem ser proprietários de todos os tijolos na América.

Está bem, talvez esteja a exagerar ligeiramente, mas são podres de ricos.

O Andy apressa-se a ir ter com ele como um cachorrinho à espera de receber festinhas na cabeça.

– Senhor. Bem-vindo! Bem-vindo ao departamento de *design*. Senhor Wolfe, é uma honra enorme tê-lo aqui. – Uau, menos, amigo. A equipa retrai-se coletivamente. – É aqui que a magia acontece. Equipa, levantem-se para que o senhor Wolfe possa ver-vos!

O Wolfe devolve ao Andy um olhar tão acirrado que os seus olhos parecem buracos negros. Poderia jurar que, por um segundo, vislumbrei dentes afiados e predatórios.

Levantamo-nos em simultâneo, prontos para sermos inspecionados.

– A seguir, vai pedir-nos para fazermos uma vénia – murmura o Matty, não tão baixinho como julga.

Piso-lhe o pé com força para o calar.

– Estou certo de que sabem porque é que estou aqui – diz o Wolfe friamente, perscrutando a divisão com um olhar intenso. – Vamos dar início ao Projeto Tangra daqui a menos de duas semanas. A não ser que tenham andado a viver debaixo de uma pedra no Central Park, já devem saber que se trata de um empreendimento importante para a empresa.

Não é mentira nenhuma. Tangra tem sido a palavra de ordem do mês. Vamos lançar a «derradeira experiência dos casinos sem dinheiro vivo». O objetivo é erradicar o uso de dinheiro vivo em todos os casinos Quinn & Wolfe na América.

Façam as vossas apostas, recolham os vossos ganhos, tudo com um simples toque no telemóvel – estão dentro do jogo. Chega de fichas volumosas, chega de filas nas caixas automáticas, chega de transações monetárias a abrandar a adrenalina das apostas. É o sonho dos grandes apostadores tornado realidade. Um sonho que implica não se saber quanto se gastou até se ver a luz crua do dia. Tal como o Wolfe gosta.

Todos os nossos projetos têm nomes de estrelas porque, como eles afirmam, queremos «alcançar as estrelas». É incrivelmente foleiro. Felizmente, o nome Tangra é mais fácil de digerir do que o antecessor, Xamidimura. Era um pesadelo soletrar corretamente o nome dessa estrela em todos os malditos *e-mails*.

Com o olhar penetrante, varre-nos a todos: os programadores, o Dwayne, a Taylor, a Wendy, eu. E, depois, pára. Sinto a pulsação a acelerar sob o seu escrutínio.

Porque é que parou?

Ofereço um sorriso hesitante que ele não devolve, esperando que me passe à frente.

Não o faz.

Quase perco a força nos joelhos.

Parece estar a examinar-me, com o cenho cada vez mais carregado.

Merda.

O que terei feito?

Terei alguma coisa nojenta espalhada na cara?

O meu coração dispara. Bem dizem para não olharmos um lobo nos olhos.

Só me apercebo da origem da sua fúria quando olho para baixo.

Todas as funções fisiológicas cessam. A respiração. O pestanejar. A circulação sanguínea.

Nas mãos, tenho a caricatura ridícula que o Matty desenhou de um lobo de fato, sem esquecer a cauda e os dentes desproporcionalmente grandes.

*Matty, meu grande anormal. Porque é que tens tanto talento para fazer caricaturas?* Não podia estar mais parecido com o Wolfe, nem que este tivesse feito pose.

Só podem estar a gozar comigo. Os rabiscos. Oh, meu Deus, nem sequer tinha reparado nos rabiscos. Será...? Sim.

São, sem dúvida, uma pila e uns tomates. Um espertalhão qualquer acrescentou uma grande pila cheia de veias com uma cabeça impressionante.

Com uma expressão de puro terror, tento esconder o desenho incriminatório do olhar inflexível do Wolfe, falhando redondamente.

A divisão cai num silêncio tenso.

Estou a cinco segundos de fazer chichi nas calças. Tento falar, mas só consigo formar um O silencioso de pânico.

O rosto do Andy adquire uma tonalidade branca que condiz com a sua camisa.

– Ahhh, senhor Wolfe, aquilo é só...

O Wolfe silencia as divagações do Andy com uma palma erguida.

– Sabem – diz, com a voz agora mais sombria –, tomei o pulso de todas as artérias desta empresa. Vendas. Contabilidade. Pessoal dos hotéis. *Marketing*. Segurança. Estou a par de tudo e de todos que circulam nesta empresa. Cada dólar. Cada pessoa. E, no entanto, há sempre um departamento que acha que pode seguir as suas próprias regras. – Foca o olhar penetrante em mim. – O departamento de tecnologias da informação.

Fico paralisada, presa num grito silencioso, com o coração a dar uma festa para a qual não fui convidada.

– O *joker* do meu baralho de cartas irrepreensível – acrescenta, com desdém.

Ainda tem os olhos predatórios postos em mim. Estará a falar do departamento de tecnologias da informação inteiro ou só de mim? *Serei eu o joker?*

– Está na altura de vos observar mais de perto. – Pela forma como fala, *mais de perto* parece implicar o uso de uma motosserra.

Ao seu lado, o Andy imita a postura direita do Wolfe, num esforço desesperado para replicar a sua aura altiva. O resultado não é bem um lobo alfa, mas sim um *chihuahua* assustadiço. O Andy também parece estar prestes a fazer chichi nas calças.

– Ah, senhor – guincha, contrastando notoriamente com o barítono grave do Wolfe. – Cumprimos as regras! Não encontrará uma equipa mais, hã, dedicada à empresa do que nós, senhor. Sem parar para respirar, prossegue. – Não é necessário encarar-nos como a ovelha ronhosa! Aqui, adotamos a cultura da empresa, senhor Wolfe! Ou devo chamá-lo JP, senhor? Posso tratá-lo por JP, JP?

O Sr. Wolfe – ou JP – fulmina o Andy com o olhar de uma forma que sugere o despedimento iminente.

– Isso serei eu a decidir. Aparentemente, deixei o recreio tecnológico à solta durante demasiado tempo. Está na altura de vos

conhecer melhor. – O seu olhar predatório regressa a mim, e sinto o meu instinto de «luta ou fuga» a reagir. – Você. Quem é você?

– É a Lucy – intervém o Andy, emitindo um sinal de SOS claro com os olhos afitos: *Miúda, é bom que te recomponhas.*

A ansiedade cresce, ameaçando sufocar-me. Não sou uma criatura que se dê bem sob pressão. Ser o único foco da atenção inabalável do Wolfe pode ser a fantasia de algumas funcionárias.

Mas não é a minha.

E, certamente, não assim.

– Hum, olá! Sim, sou a Lucy – gaguejo, desempenhando todas as atividades de que menos gosto de uma só vez: apresentar-me, fazer discursos improvisados e ser apanhada em flagrante com um boneco vudu caricaturado do chefe. – Eu, hã, sou *designer* gráfica sénior. Trabalhei no projeto Xamidimura. E, hum, os livros de banda desenhada... são a minha cena – deixo escapar. – Foi isso que inspirou a, hum, arte com lobos.

O silêncio ensurdecedor prolongado estende-se, amplificando o meu embaraço a níveis sem precedentes.

*Que subtil, Lucy, mesmo subtil.*

– A arte que está a esconder sem sucesso atrás das costas? – ruge.

Pouso timidamente o desenho na minha secretária com um sorriso tenso.

– Já não.

A Taylor solta um risinho abafado.

– É verdade. A Lucy até se veste de Hulk!

– She-Hulk – corrijo de imediato, sem pensar. Será que a plataforma do limpador de janelas ainda está pendurada lá fora, a postos para uma fuga rápida?

Quando a olho de relance, vejo o seu sorriso afetado e passo a odiá-la um pouco mais.

A minha coleção de livros de banda desenhada pode ter sido uma tentativa de encobrimento fraquinha, mas não deixa de ser uma verdade sagrada. As idas anuais à Convenção de Banda Desenhada

com o meu pai, desde que tinha quatro anos, são uma das poucas memórias preciosas que me restam dele.

– Ah sim? – O Wolfe mantém uma expressão imperscrutável, trespassando-me com os olhos castanhos, tão profundos que se tornam praticamente negros.

Mordo o lábio e desvio o olhar, perturbada.

Fiz asneira da grossa. Juntei-me ao Andy na categoria dos idiotas desastrados. Aos olhos do Wolfe, sou uma aspirante a She-Hulk com queda para desenhos porcos. E nem sequer desenhei o raio da caricatura.

– O Steve Reynolds chama-lhe Mulher Maravilha – intervém o Matty, dando-me uma palmadinha solidária no braço.

Giro a cabeça sobre o pescoço. *Cala-te, Matty.*

– É um prazer, Lucy – diz o Sr. Wolfe, com um brilho no olhar que deixa bem claro que isso é tudo menos verdade.

– Muito bem! – O Andy tenta bater palmas mas falha o alvo, dando antes uma palmada no peito. – Vamos prosseguir, senhor Wolfe? Conhecer o resto da equipa?

– Tem dois minutos.

– Sem problema! Taylor, és a próxima!

– Senhor Wolfe – diz a Taylor, num tom sonoro e confiante. – Conhecemo-nos no ano passado, na cerimónia de entrega de prémios da empresa; entregou-me o prémio de Excelência.

Está praticamente a resplandecer na ribalta. Observo-a, dividida entre a admiração e o desprezo.

– Então – continua, falando quase desagradavelmente alto –, um pouco sobre mim. Estou no comité social da empresa e sou mentora dos novos recrutas...

– Obrigada, Taylor. – O Andy consulta ansiosamente o relógio. – Avancemos!

Para minha consternação, o resto da equipa segue o exemplo da Taylor, enfrentando o Wolfe com um ar profissional. Até o Matty se endireita e ativa o charme.

Estou morta de vergonha. Mais uma vez, em termos de socialização, não passo de uma pila flácida.

O Wolfe dilata as narinas. A sua postura deixa transparecer um poder fervilhante e mal contido, como se bastasse rebentar alguns botões da camisa para começar a espalhar o caos. Aposto que uma noite com este homem seria rica em sexo quente e zangado.

É evidente que já se passou demasiado tempo desde a última vez.

Como se pressentisse o meu olhar fixo, vira toda a atenção para mim, o que faz disparar os meus batimentos cardíacos.

Mostro-lhe um sorriso tenso antes de me concentrar na Mandy, que se está a gabar do seu código livre de erros.

– E é esta a equipa! – declara o Andy, batendo palmas, desta vez com sucesso.

O Wolfe faz um aceno de aprovação.

– Ótimo – diz, com frieza. – Espero que se dediquem de corpo e alma a este projeto. Não há espaço para desculpas ou atrasos. O Tangra será dirigido a partir do escritório de Vegas, por isso preparem-se para passar lá metade do tempo.

A maior parte das pessoas parece ficar radiante com a ideia de curtir a vida na Cidade do Pecado, com tudo pago.

Eu não.

Também ficaria entusiasmada, se não fosse o nítido desdém que o Wolfe sente por mim e a venda iminente do meu apartamento em Nova Iorque – não posso afastar-me de casa.

– Lançaremos o projeto daqui a seis meses – diz o Wolfe.

Esperem lá.

Acabou de tirar aquele prazo do rabo? É uma funcionalidade enorme, em termos de *design*, testes... É uma empreitada para um ano, no mínimo. Temos de começar aos poucos, testar o projeto nalguns casinos antes de aumentarmos a escala.

Todavia, o Wolfe não me parece o tipo de homem que aprecia a arte de ir devagar. Tem a mesma atitude quero-isto-para-ontem dos outros engravatados peneirentos.

Acham que o meu dia consiste em arrastar botões e contemplar a pergunta filosófica «o botão deve ser azul ou verde?».

Ao olhar em volta, vejo que a Taylor parece ter visto um fantasma e o Dwayne tem o sobrolho carregado, como se estivesse a descriptar *O Código da Vinci*. O Andy, contudo? O Andy está a anuir, pronto a aceitar esta missão impossível.

Um bom líder de projetos de *design* deveria chegar-se à frente, pronunciar-se, dizer ao engravatado arrogante que as suas exigências não podem ditar o calendário sem aconselhamento. Não se trata de uma escala variável que permita escolher a linha de chegada.

Porém, não sou líder de projetos de *design*. E o engravatado em questão paga-me o salário. Além disso, apanhou-me com uma caricatura mordaz sua.

– Fantástico! – O Andy bate palmas com um movimento nervoso e balança-se nos calcanhares.

Arregalamos os olhos enquanto vemos o nosso destino a ser selado. Ninguém se vai atrever a questioná-lo ou a manifestar discordância.

A seguir, o Wolfe prepara-se para se ir embora. Graças a Deus. Contudo, antes de se virar, detém-se e volta a olhar para mim.

– Lucy, certo? – pergunta, praticamente a rosnar.

Assinto, com um aperto na garganta.

– S-sim, senhor.

Aqueles olhos castanhos perfuram os meus.

– É a última vez que lhe dou o benefício da dúvida, Lucy. Não tolero faltas de respeito. Se voltar a atravessar-se no meu caminho, será despedida imediatamente.

# Um

## UM ANO DEPOIS: PRESENTE

JP

**C**ostumava acreditar que o amor era uma distração. Uma inconveniência. O amor era para os fracos, para quem ainda se agarrava à ilusão patética do sonho americano quintessencial, a cerca branca e os dois filhos e meio. Não se alinhava com os meus planos.

Mas, depois, apanhou-me desprevenido.

Encontrei o amor à espreita no canto mais improvável do meu império. O departamento de tecnologias da informação, imagine-se.

É como um vício, algo a que nunca pensei estar suscetível. Algo que me danifica a armadura. Algo que me torna vulnerável. Algo que me corrói até eu começar a desejá-lo, a doçura, o calor, o... porra... o amor.

Depois, como de costume, acabei por sabotá-lo. Fiz asneira. Peguei numa coisa delicada e estraguei-a, porque é isso que faço.

Caramba, até os lobos sangram.